

ELEONORA SANTA ROSA

História de Minas perde a direção

► Diretora do Centro de Estudos Históricos, responsável pela linha editorial da FJP, pede demissão

WALTER SEBASTIÃO

Divergências quanto ao destino, diretrizes e andamento de duas coleções de livros – a Mineiriana e a Centenário –, da Fundação João Pinheiro (FJP), que nos últimos anos sacudiram o mundo editorial mineiro, colocou em rota de colisão os dois responsáveis pela iniciativa: Roberto Martins, presidente da Fundação João Pinheiro, e Eleonora Santa Rosa, diretora do Centro de Estudos Culturais e Históricos e coordenadora da equipe que realizou o projeto. A última, evitando confronto mas sem negar as divergências, pediu demissão do cargo e vai trabalhar no Palácio das Artes, como assessora especial da presidência. A explicação "amigável" para divergências é a questão da falta de recursos que inviabilizaria novos projetos, mas há quem garanta que a

grande repercussão dos livros, projetando o nome de Eleonora Santa Rosa, andou provocando os ciúmes de Roberto Martins, tido, nos bastidores do meio cultural, como um administrador de temperamento personalista. Ao todo, ao longo de cerca de quatro anos, foram editados cerca de 25 títulos, entre textos clássicos da historiografia mineira e da memória artística, econômica e social da cidade de Belo Horizonte. Eleonora Santa Rosa explicou que está deixando 13 títulos organizados e semi-organizados para edição, entre eles o "Códice Costa Matoso", considerado um dos mais importantes documentos da história colonial de Minas Gerais. Em entrevista ao ESTADO DE MINAS, Eleonora Santa Rosa fala dos motivos que a levaram a pedir demissão e analisa os problemas e desafios colocados para a produção cultural em Minas Gerais.

ESTADO DE MINAS – Quais foram os motivos da sua demissão?

Eleonora Santa Rosa – Na verdade, estou encerrando meu trabalho na Fundação João Pinheiro em função de prioridades pessoais e devido a uma série de estratégias de condução dos trabalhos, com as quais não me afinou muito. Durante quatro anos ocupei o cargo, tive a oportunidade de fazer as coleções "Mineiriana" e "Centenário" e de reerguer o Centro de Estudos Históricos e Cultural, que estava destruído. Hoje temos uma unidade pensante, revitalizada, irradiadora de idéias e projetos importantes para Minas e para o Brasil. Mas este espaço começou a ficar complexo e a oferecer uma resistência interna. O trabalho perdeu um pouco da graça e da satisfação que me dava.

EM – Mas que tipo de problemas você enfrentou?

Eleonora – Encontrei apoio e liberdade, mas também resistências de caráter administrativo e financeiro.

“ O Estado que tem uma política cultural forte é um Estado forte ”

Quando você consegue enorme aceitação externa e também obstáculos internos na realização dos projetos, o melhor é que você conduza o trabalho de outra forma ou outra pessoa conduza o trabalho. É uma saída que está sendo celebrada num clima pacífico, de entendimento, mas eu entendo que a forma como eu trabalho pode até incomodar determinados setores, mas dá resultados. Vivo a sensação de que está se fechando um ciclo de trabalhos na Fundação.

EM – Que setores você estava incomodando?

Eleonora – A liberdade de publicação sempre foi assegurada pelo Roberto Martins e tenho uma imensa afinidade com ele, pois foi quem deu uma dimensão e um apoio enorme a área de cultura na Fundação. Ele sempre foi o maior entusiasta com relação à coleção "Centenário". No conceito, no conteúdo do projeto, temos muita sintonia. Entretanto, na forma de fazer, no como fazer, você enfrenta aqueles entraves pelos quais qualquer instituição passa, especialmente as que trabalham no campo da cultura. Quando se chega num patamar que não é o melhor nem para a instituição nem para você, o melhor é cada um assumir seu próprio trabalho.

EM – Quais foram os maiores problemas que as coleções enfrentaram?

Eleonora – A gente sempre enfrenta um problema muito duro, que é a questão de dinheiro, captado a duras penas no mercado externo. Depois, teve o aparato burocrático interno, normalmente refratário à área de cultura. Você acaba incomodando setores obscurantistas, acostumados a métodos autoritários. Evidentemente a gente mexe numa coisa de muita visibilidade e isto é sempre motivo de êxito e satisfação. Por outro lado, é motivo de incômodo e resistência. Eu, particularmente, estou cansada desta batalha cotidiana,

“ As editoras mineiras não ousam. Só apostam no lucro fácil ”

na, de enfrentar resistências internas e externas aos nossos projetos.

EM – Qual o papel do CEHC no âmbito de um organismo de planejamento como a FJP?

Eleonora – Eu acho fundamental que a Fundação tenha um órgão de cultura. Se ela é uma fundação de assessoria de políticas públicas, que o faça também no setor cultural. Política pública na área de cultura é tão fundamental quanto na área de saúde, alimentação, transportes etc. A maior parte das pessoas ainda considera cultura uma coisa secundária. É uma visão equivocada. O Estado que tem uma política cultural forte é um Estado forte. Um povo culturalmente forte é um povo civilizado, educado, livre, pois não há pior forma de servidão que o obscurantismo, a ignorância. É um setor que gera emprego e renda, que merece ser tratado com a importância que ele tem.

EM – Que avaliação você faz do mercado editorial?

Eleonora – Um trabalho como o nosso continua sendo extremamente solitário e com pouca repercussão fora de Minas Gerais. Quando você fala que é uma coleção de Belo Horizonte ou de Minas parece, aos olhos do Rio e de São Paulo, que não tem interesse para o Brasil, que seria uma coisa circunscrita à província. Não é. Minas é fundamental. Alguns órgãos de comunicação, universidades e outras instituições reconhecem o trabalho da FJP como importante e de maior relevância cultural.

EM – E com relação ao mercado editorial mineiro?

Eleonora – O mercado mineiro ainda é caracterizado por livros didáticos e pára-didáticos. As editoras

não ousam apostar em outros filões. É um mercado tímido, que aposta no lucro fácil. O trabalho da FJP aposta e ousa, mostra lacunas e luta para que estas lacunas sejam superadas. O grande gargalo é a distribuição. É um problema crucial no Brasil. O mercado é dominado por duas ou três empresas que atuam maneira mafiosa. Criar alternativas a este problema é uma necessidade profissional nossa.

EM – Como você vê a presença dos artistas brasileiros no circuito nacional?

Eleonora – Se você pensa nos ícones – Galpão, Corpo – é uma presença expressiva. Evidentemente pode sair de Minas muito mais gente e com mais competência, com mais eficiência. Você podia ter artistas intercambiando em bienais. Vi a dificuldade de uma artista como Niura Bellavinha para participar da Bienal do Mercosul. Não temos mecanismos para estas pessoas poderem representar Minas ou o Brasil. Onde vejo uma carência enorme é na política de intercâmbio cultural, que devia ser mais atacada de maneira mais sistemática do âmbito do poder público. É fundamental que as pessoas possam sair para outros estados e países para apresentar suas obras, para estudar e se aperfeiçoar.

EM – Os artistas mineiros divulgam pouco a sua produção?

Eleonora – Nos últimos anos pode-se dizer que, em alguns órgãos começa a existir um reconhecimento dos trabalhos. Existe o desafio, nosso, de termos meios de comunicação (rádio, televisão, jornal etc.) que tenham ressonância nacional. É preciso sair para fora. Estamos muito circunscritos ao próprio Estado. Se você pensa em mídia nacional, isto requer um custo que particamente inviabiliza o projeto. Rio e São Paulo têm mais recursos, mais equipamentos culturais, políticas culturais mais bem formatadas, investimento do Ministério da Cultura. A ruptura da gente com isto está sendo os festivais internacionais feitos aqui. É uma saída.



ELEONORA SANTA ROSA nega divergências, mas vai mesmo para o Palácio das Artes

OPÇÕES

PARA ANUNCIAR: 335-7222

TELA MOSQUITEIRA

Recolhível ou removível
Evite a dengue
Não desfia • Lavável
Não é tóxica • Não cria mofo

UDINESE
Linha PAPAIZ

PROTELAS

Fones: (031) 426-3810
970-7575 - 426-1853

VERÃO IRRESISTÍVEL

MASSON
Fábrica de Biquini

Biquínis a partir de 15,00

30/60 dias sem entrada ou cartão
Atacado e varejo

Rua Gollacases, 211 - Loja 02
Centro (em frente à O&A)
Tel: 224-2026

ABH REDES DE PROTEÇÃO LTDA

Proteção para seu Filho com opção de Matéria Prima e Cores.
Certificado de Garantia
Atendemos também aos Sábados, Domingos e Feriados. • B.Hte e Interior

(031) 421-4321 / 974-7473

ANITA DEPILADORA

PELE SUAVE E BONITA POR MUITO MAIS TEMPO

Além do nosso tradicional serviço de depilação com cera quente de algas, oferecemos agora:
MASSAGEM CORPORAL E SERVIÇO COMPLETO DE CABELEIREIRO E MANICURE.

Venha conhecer nossas novas instalações

223-1841
AV. CONTORNO, 8.032 - SALA 130 - SAVASSI - TELS.: 226-7373

VENTILADORES

Garantia 2 ANOS

CASA DE VENTILADORES

Aqui só tem vento

Mod. Plafon.

• C/ controle de velocidade e reversão
• Cores: preto branco e areia

RS 49,00
A VISTA

Temos também linha comercial para escritórios, escolas, igrejas, etc.

SHOW ROOM COM MAIS DE 40 MODELOS

FONE: 292-7978

Rua André Cavalcanti, 158 - Gutierrez
(100 m. após Trincheira da Raja) Estacion. próprio - BH.

Art's Metal Ltda

MÓVEIS EM METAL

Serralheria artesanal - Artigos metálicos - Corrimãos para escadas - Detalhes p/ Construção Civil - Fábrica de Móveis Tubulares em Cobre, Latão e Ferro, Camas - Salas de jantar - Escritórios Armários - Cadeiras - Design próprio

Arquiteto e decoração à disposição.

Fábrica - R. Tapira, 725 - Renascença - Tel.: 421-3340 - Fax: 442-8788

TRITURY - TWEENY

Lixo na cozinha é trabalhoso e anti-higiénico. Instale um triturador de baixo da pia e jogue fora a lata de lixo

Atenção: não temos filiais

AUGUSTO CLEMENTINO IND. E COM. LTDA.
Rua Patrocínio, 71 - TELS: (031) 201-4899 - 271-5108

1998

É DIAMANTINA É CARNAVAL É PATRIMÔNIO MUNDIAL

Realização Patrocínio Apoio

Prefeitura Municipal de Diamantina

ESTADO DE MINAS
O Grande Jornal dos Mineiros

COMPANHIA TRICOM

DIVISÓRIAS E FORROS eucatex

DiviCena

Produto Eucatex tem parecido mas não tem igual

QUALIDADE - BOM PREÇO

(031) 421-1817.